

5

A Esfera Pública conectada de Yochai Benkler

A produção e divulgação de qualquer mensagem sempre tem algum custo. Escrever um bilhete, por exemplo, implica algum gasto com papel e lápis, valor que não assustaria muito nem o mais avaro dos avarentos. Para passar uma mensagem para milhares de pessoas, no entanto, o custo começa a aumentar exponencialmente. A publicidade nos veículos de massa, como a televisão e as revistas, sempre foi caríssima. Com isso, o número de pessoas que pode aparecer nesse espaço fica reduzido. Na internet e nas mídias digitais, no entanto, a economia da informação muda: com custo próximo ao de um bilhete, qualquer pessoa potencialmente pode disseminar uma mensagem por milhões de *links*.

Essa é uma das premissas que levam Yochai Benkler, um dos principais pesquisadores norte-americanos das relações entre redes digitais e política, a propor a ideia da internet como uma “Esfera Pública conectada”. Se, no passado, o custo de ser ouvido na Esfera Pública era consideravelmente alto, o que praticamente impedia o cidadão comum de participar com voz ativa dos debates públicos na mídia, a internet permite que novas vozes entrem em circulação, aumentando *potencialmente* a capacidade da sociedade civil de se manifestar.

Benkler, em seu livro *The wealth of networks* (A riqueza das redes), em tradução livre, trabalha com as possibilidades que a internet abre para a participação democrática das pessoas nas causas e debates de seu interesse. Longe de pensar que qualquer um se torna um ativista apenas pelo fato de estar conectado, o autor mostra como é preciso pensar em lógicas diferentes para compreender a atividade política dentro das redes.

O princípio é relativamente simples: a arquitetura das mídias de massa impedia o receptor de rebater a mensagem em termos de igualdade. Certamente uma pessoa assistindo televisão sempre pode discordar do que via, e

poderia expressar suas opiniões com quem estivesse por perto; no entanto, só com muita dificuldade sua discordância ultrapassaria os limites físicos de seu espaço, e raramente a emissora tomaria conhecimento de suas opiniões.

Na Esfera Pública conectada, explica Benkler, a arquitetura da informação elimina, ou ao menos diminui consideravelmente, essa assimetria entre emissão e recepção, fazendo com que as pessoas *possam* dizer o que estão pensando em um espaço público. O espaço linear-vertical da mensagem de massa passa a existir ao mesmo tempo em que o espaço não linear e horizontal da arquitetura de rede.

Em vez de a mensagem ser transmitida de um único polo para uma grande audiência, com custo bastante alto, a mensagem é divulgada de forma ramificada nos vários nós, *links* e conexões existentes na rede. Ter uma opinião sobre um assunto nunca foi um problema, e a Esfera Pública conectada permite que essa opinião seja potencialmente ouvida.

Os espaços da democracia

De certa maneira, isso se articula também com as regras da democracia. A possibilidade dos cidadãos conversarem entre si sobre assuntos que os interessam diminui, ou mesmo elimina, a dependência em relação à mídia de massa para ter conhecimento dos acontecimentos do mundo.

A agenda política da sociedade, em outras palavras, torna-se parcialmente independente da agenda temática dos meios de comunicação – não é porque as redes de televisão estão divulgando o assunto x que as pessoas falarão sobre esse x ; em rede, um assunto y , mesmo que ignorado pela mídia de massa, pode se tornar o assunto mais comentado nas redes. Em outras palavras, a agenda política da sociedade ganha independência relativa dos assuntos discutidos nos meios de comunicação.

Vale destacar, recorda Benkler, que a formação de uma Esfera Pública conectada depende de pessoas; é a conexão entre indivíduos, a formação de nós e *links*, que permite o debate de questões de interesse público. A internet cria as possibilidades de participação em uma Esfera Pública, mas não torna, imediatamente, todos os cidadãos em pessoas interessadas nos problemas coletivos.

Há um outro elemento nessa questão.

Saber o que está acontecendo é uma das premissas básicas da democracia: escolher e votar dependem, em alguma medida, do conhecimento que

os cidadãos têm dos problemas e questões de uma região ou de um grupo. Nesse sentido, a arquitetura em rede permite uma maior circulação de informações, opiniões e pontos de vista que seriam impossíveis nas mídias de massa por uma simples questão de espaço.

Benkler procura, nesse ponto, destacar como parte do potencial democrático da Esfera Pública conectada em relação a algumas críticas.

Sem dúvida o aumento indiscriminado de vozes pode levar não ao debate, mas à cacofonia, uma situação na qual todos falam e ninguém escuta. Igualmente, o peso das grandes corporações de mídia também pode ser sentido na internet, sobretudo quando se pensa, por exemplo, nos grandes portais de informação.

No entanto, destaca o autor, a arquitetura em rede permite à informação circular por outros caminhos além desses; o peso econômico das empresas de mídia não impede que os indivíduos participem, explorem trilhas alternativas e se associem em torno de causas e interesses comuns.

A capacidade de organização da sociedade civil no ambiente das redes digitais caminha em uma via paralela e às vezes distante do que seria de esperar nas mídias de massa. Dependendo da importância da questão, o grau de engajamento *online* pode ser alto o suficiente para se opor a decisões políticas e econômicas, bem como a grandes corporações, a partir da atividade conjunta dos indivíduos conectados.

A partir de estudos de caso, Benkler mostra que, assim como há vários níveis de atividade na internet, há diversas maneiras de se conectar e participar de debates políticos: assim como no cotidiano as pessoas filtram as informações recebidas, também nas conexões virtuais nem todos os assuntos recebem a mesma atenção. A aparente cacofonia não se manifesta em todos os níveis de conexão, de maneira que assuntos mais importantes parecem trabalhar em um nível específico, com maior grau de engajamento e conexões – participar de um debate *online* com dezenas de pessoas é diferente de conversar com um amigo em uma rede social sobre a vida alheia.

A possibilidade de participação política criada pelas redes digitais abre caminhos para se pensar a noção de democracia e sua relação com a circulação de informações e a produção de conhecimento. Na análise da economia política da informação na arquitetura das redes, Benkler indica os potenciais de engajamento dos indivíduos em questões públicas, trazendo novos atores nos espaços democráticos.

SILVEIRA, S.A. *Comunicação digital e construção de commons*. São Paulo: Perseu Abramo, 2010.

_____. “Convergência digital, diversidade cultural e Esfera Pública”. In: SILVEIRA, S.A. & PRETTO, N. (orgs.). *Além das redes de colaboração*. Salvador: UFBA, 2008.